



Memorial descritivo

São antigos os debates teórico-filosóficos que buscam demonstrar como a mente humana organiza, racionaliza e produz conhecimento. Uma referência importante é o pensamento do epistemólogo suíço Jean Piaget, que busca desvendar a construção do conhecimento pela mente humana a partir de processo de interação entre homem e o objeto. Em síntese, Piaget discute que as interações construídas por meio de ações físicas e mentais sobre objetos são provocadoras de desequilíbrio, entendido como um efeito contrário ao esperado pelo indivíduo que realiza a ação. Seriam estes desequilíbrios ao se acomodarem em nosso sistema cognitivo que criam novas referências, como as espaciais e arquitetônicas por exemplo.

As situações de desequilíbrio são mais intensos durante os processos de desenvolvimento que a criança está sujeita até os cinco anos de idade (primeira infância). É o momento onde se assimilam as imagens do mundo para a criança, onde ele passará a se reconhecer como sujeito diretamente inserido a um corpo social até então estranho a ele. Segundo Piaget, a “estabilidade” a situações de desequilíbrio é assegurada através do que nomeia como processos de *assimilação*, em que se classificam novos eventos em esquemas e estruturas pré-existentes, e *acomodação*, na qual o próprio esquema e estrutura prévios são modificados em função do objeto a ser assimilado.

Seguindo o rastro do pensamento contemporâneo da arquitetura, está cada vez mais evidente a certeza do objeto arquitetônico como elemento natural no qual a interação homem x espaço urbano deve ser intencionalmente provocada. Enquanto espaço permanente da crítica aos ditames de esterilidade e da falta de socialidade, associado ao funcionalismo difundido internacionalmente pela arquitetura moderna e apropriado pela lógica de reprodução do capital em geral – ainda hoje resiliente na prática arquitetônica e no ensino da arquitetura no Brasil – a arquitetura contemporânea solicita constantemente que o projeto arquitetônico se aproprie de novas formas de interação.

Nesse sentido, a possibilidade de projetar um centro de educação infantil, voltada a um público incluído na primeira infância, se mostra como uma condição impar para estimular processos de interação, desequilíbrio, assimilação e acomodação. São esses portanto os princípios norteadores do projeto para o Centro de Educação Infantil do Parque do Riacho

Apresenta-se um projeto que a nível tipológico pouco diverge dos padrões usuais do que poderíamos classificar como a arquitetura escolar: um pátio central rodeado por volumes edificados de maior gabarito e com espaços de circulação que se voltam para o mesmo pátio. Do mesmo modo, em relação à forma adotada não apresentamos inovações substanciais em relação ao que se reconhece como edifício escolar. O ritmo marcado dos vãos das janelas e o volume de maior gabarito onde se localizam grande parte das salas de atividade, por exemplo, são intencionalmente escolhidos para manter o equilíbrio e não o desequilíbrio – sempre nos termos de Piaget – das referências formais que se reconhece como próprias da arquitetura escolar. Contudo, o desequilíbrio é o mote do modo como esse tipo e essas referências formais são adaptadas e transformadas para o presente projeto.

A primeira interação de desequilíbrio é motivada pela relação entre observador externo (pedestres ou veículos) e edifício. Optamos pelo projeto de uma forma escultórica e orgânica em concreto armado para a cobertura do pátio interno, elevado a 6 metros do chão e sustentado por pilares em concreto armado de seção circular que ampliam a sensação de leveza daquele objeto. O contraste com a cor branca utilizada na volume maior do edifício, permite que a cobertura se destaque para o observador externo, tanto pela forma quanto pela cor adotada, tornando-se visualmente independente do próprio prédio que a contém e limita. Se criaria de imediato com isso dois efeitos de interação importantes: a) um primeiro de construção de um marco visual para a região, onde ainda predominam a monotonia formal e a aridez visual típicas das cidades satélites do entorno do plano piloto de Brasília; b) e um segundo efeito de natural direcionamento do campo visual do observador e morador daquele entorno para o edifício, estimulando a percepção de uma arquitetura inovadora que se associa a um uso nobre, o da escola pública.